



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Anísio Batista Pereira

*Universidade Federal de Uberlândia
(UFU/FAPEMIG)*

orcid.org/0000-0002-1329-5237

anisiopereira.2008@hotmail.com

Ederson Luís Silveira

Universidade Federal de Santa Catarina

orcid.org/0000-0002-8483-4656

edliteratus@gmail.com

*O enunciado na construção de um deslocamento
do sujeito: análise arqueogenealógica de
duas capas da revista Veja sobre
o juiz Sérgio Moro*

RESUMO: O presente trabalho busca refletir sobre os enunciados que entraram em circulação a partir de duas capas da revista Veja sobre o juiz Sérgio Moro - sendo que uma delas data de 2015 e a outra de 2019 - marcados por construções contraditórias por esse mesmo veículo de comunicação. Para isso, amparamo-nos no suporte teórico-metodológico vinculado à Análise Foucaultiana do Discurso, tendo em vista os conceitos de enunciado, jogos de verdade, sujeito e campo associado. Vale destacar que há modos de subjetivação associados a um domínio em torno de uma instância profissional na qual o sujeito é juiz, na primeira capa analisada e, na segunda, ministro da justiça. Entre práticas e representações, as linguagens verbal e não verbal apontam para o sujeito juiz que, no caso, encontrava-se em um lugar de (produção de) verdade, ao ser colocado em xeque, cujo símbolo metafórico de uma estátua se desmoronando acaba por deslocar esse efeito de verdade (de herói a vilão), através do estabelecimento de um jogo a partir de dois momentos históricos distintos nos quais o sujeito se inscreve.

Palavras-chave: Enunciado. Sujeito. Jogos de verdade. Revista Veja.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos do discurso tiveram início na França nos anos de 1960 e surtiram efeitos em inúmeros campos do saber e disciplinas, estendendo-se, inclusive, para além do país e do continente de aparição. As reflexões teórico-analíticas de Michel

Foucault, por exemplo, podem ser consideradas a partir de obras como *A arqueologia do Saber* e da *Ordem do Discurso*, entre outras obras, somadas a aparição de comentadores que utilizaram seus estudos como ferramentas para pensar o discurso, a questão do arquivo, a história atravessada por descontinuidades e as redes de enunciabilidade atravessadas por relações de poder e de saber, por exemplo.

Neste contexto, a problemática do enunciado que integra a proposta arqueológica do filósofo Michel Foucault tem sido objeto de investigação com frequência, tanto a nível linguístico quanto no nível de consideração das relações entre verbal e não verbal nos estudos da linguagem. Nesse processo, vale destacar que se trata da linguística da enunciação, que requer do analista de discurso uma consideração sobre o momento histórico como requisito para a singularidade dos enunciados, fator que atribui um caráter de não repetibilidade da enunciação. O próprio Foucault (2008) menciona que, ao utilizar o termo arqueologia, ele quis se referir à descrição de arquivos que não fosse meramente historiográfica ou epistemológica. O arquivo então é o conjunto de discursos produzidos em determinada época. Para isso, não se consideram apenas as coisas ditas, mas os acontecimentos que funcionam, se transformam e possibilitam o (re) surgimento de outros discursos.

Pensando na dimensão histórica que se reflete na produção enunciativa do sujeito, este trabalho busca analisar dois enunciados da revista *Veja* sobre o juiz Sérgio Moro, que teve repercussão no cenário político brasileiro por causa de sua atuação na denominada Operação Lava Jato. Essa organização teve início em 2014 através de ações da Polícia Federal com o objetivo de investigar e combater crimes de líderes políticos e de empresários, em especial vinculados à Petrobrás. O alvo da referida revista é o juiz que lidera a Operação e permanece na mesma até 2017, quando se afasta do cargo para assumir o Ministério da Justiça, no governo de Jair Bolsonaro. Nesse sentido, consideramos



pertinente tecer considerações analítico-discursivas acerca desse líder que se transforma em vilão na construção do veículo de comunicação supracitado, de 2015 para 2019, inspirando-nos no respaldo teórico-metodológico foucaultiano como embasamento para se compreender os jogos de enunciabilidade, principalmente em relação aos jogos de poder-saber que norteiam os discursos.

Nossa investigação se organiza da seguinte maneira: em um primeiro momento, foi feita uma abordagem dos conceitos que consideramos relevantes para a pesquisa, tais como enunciado, jogos de verdade, sujeito e saber-poder; em seguida, no segundo momento, partimos para a análise do recorte enunciativo, tendo em vista a teoria como lupa para a investigação histórico-discursiva; posteriormente, nos direcionamos para as considerações finais.

ALGUNS DESDOBRAMENTOS SOBRE ENUNCIADO, JOGOS DE VERDADE, RELAÇÕES DE PODER E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM MICHEL FOUCAULT

110

A proposta metodológica foucaultiana denominada de arqueológica dá suporte ao analista de discursos em relação à descrição-interpretação de enunciados a partir de suas configurações exteriores, isto é, aquilo que está para além da visibilidade da materialidade linguística. Nesse arcabouço, como unidade carregada de sentido e, no nível de singularização, Foucault (2008) propõe tomar a unidade mínima do discurso como sendo o enunciado. Noutras palavras, trata-se “[do] trabalho arqueológico (porque parte de uma escavação nas camadas descontínuas da história) sobre os enunciados possíveis de uma época [o que] torna possível investigar porque surgiu este enunciado e não outro em seu lugar” (SILVEIRA; PEREIRA, 2019, p. 243).

Nesse processo de demarcação conceitual, o enunciado é então viabilizado no processo de análise a partir de sua função enunciativa, contendo elementos capazes de distingui-lo de simples fala ou de materialidade linguística. Assim, esse elemento contém uma data de produção, um suporte material, uma materialidade repetível, um suporte institucional, um campo associado e uma posição



de sujeito, sendo apontado pelo filósofo em estudo como algo efetivamente produzido.

Sob uma perspectiva histórica, a abordagem foucaultiana de vários campos do conhecimento humano não se preocupa com as epistemologias científicas propriamente ditas, mas com seus funcionamentos, as condições que se encontram a sua volta no momento de produção e de transformação ao longo do tempo. Sabe-se que um enunciado se dispersa na história, desaparece, outros são construídos a partir dele, fazendo, inclusive, com que, algumas vezes, venha a ser silenciado, interditado. Na história das ciências, Foucault (2000) salienta esse processo de funcionamento discursivo sustentado pelo paradoxo da unidade e da dispersão, assim como também situa seus estudos sob a constatação de existência (e transformação) do sujeito histórico.

Em nível de construção metodológica para se analisar discursos, Gregolin (2006), amparada pela proposta foucaultiana, faz uma abordagem que privilegia essa definição de unidade, em que a organização do *corpus* apresenta como base sequências enunciativas passíveis de isolamento (singularização), mas que podem ser relacionadas a outros enunciados. Isso porque é o próprio teórico francês que assinala que:

À primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso (FOUCAULT, 2008, p. 90).

O *a priori* histórico¹ condiciona a denominação de uma sequência como arquivo que, à luz da premissa do estudioso francês, nada mais é que um conjunto de enunciados produzidos em determinado momento na história. Dessa forma, enunciado e arquivo são abordados de forma a apontar que, enquanto o primeiro elemento condiz com o aspecto mais visível do discurso, o arquivo se vincula à história, fator que nos interessa como sendo de grande impacto para esta reflexão de acordo com o objeto de análise em questão.

Compreender o enunciado não é tarefa fácil, assim como menciona o filósofo supracitado, quando esse estudioso propõe seu método arqueológico que serviria a vários campos das ciências humanas, sobretudo à linguística. O que se percebe em



suas formulações é que essa definição de unidade vai muito além de um simples ato de fala ou o que se convencionou a denominar de discurso resultando no que a função enunciativa possibilita de novidade nesse aparato teórico-metodológico. Nesse contexto, vale destacar também que enunciado não se refere a apenas produções verbais, mas também não verbais, que são carregadas de saberes e subjetividades historicamente marcados. Assim como as irrupções históricas (FOUCAULT, 2000), as estratégias enunciativas também carecem de um olhar apurado, pois é preciso sinalizar a ocorrência de efeitos de verdade e de modos de subjetivação, considerando o lugar de enunciação e a formação discursiva que habita o(s) sujeitos(s).

Pode ser mencionado, também, que o enunciado apresenta um caráter relacional já que outros enunciados ganham existência em seu interior, ou o que vem a ser um “já-dito”, que povoa o discurso. Discurso, na perspectiva foucaultiana, se trata de um conjunto de enunciados que se inscrevem numa mesma formação discursiva, repleta de regularidades e dispersões, na qual o sujeito se inscreve. Para tratar dessa temática metodológica em questão, consideramos pertinente considerar um campo associado de investigações que rumam em direções similares, apreendendo distinções e deslocamentos daí resultantes. Neste campo, um dos principais autores é Jean Jacques Courtine (2009), estudioso que se baseia nas formulações foucaultianas de formação discursiva como ponto de partida para suas problematizações. Para esse teórico, uma formação discursiva está sempre povoada de outras, que, teoricamente, está em consonância com a noção de campo associado foucaultiano.

Mas, qual o papel da memória no campo da análise de discurso? O encontro da memória com o presente da enunciação atribui ao discurso o caráter de acontecimento (GREGOLIN, 2006). Um enunciado que é acionado a partir de outro não se pauta por uma simples repetição, mas está permeado pela singularidade que o mantém único, devido as suas condições históricas de possibilidade. O denominado exterior da linguagem está nessa relação enunciativa, em que língua e história se fundem no âmbito das práticas discursivas. “A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem



diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2008, p. 30).

A materialidade linguística é passível de repetição, mas o discurso apresenta esse caráter oposto que o torna singular, a denominada enunciação que aciona enunciados já produzidos e que funcionam como efeito de memória. Ao mesmo tempo em que a materialidade linguística pode se repetir, as condições históricas desestabilizam seus sentidos, pelo atravessamento das regularidades às quais o enunciado se submete (ACHARD, 1999). O caráter de acontecimento se dá devido às condições históricas de possibilidade, segundo Foucault (2008), o que Courtine (2009) define como condições de produção do discurso.

Essa abordagem enunciativo-discursiva, que coloca a história como pano de fundo no contexto das práticas discursivas, aponta para a noção de sujeito descentrado e histórico que permeia a teoria foucaultiana. Marcado por modos de subjetivação, à luz das relações de saber e de poder que constituem diversos sujeitos, a cada época ocorre a produção de diferentes discursos e, conseqüentemente, distintas formas de subjetivação. Nesse contexto, é válido afirmar que o sujeito não é fixo, mas em constante transformação, sempre em constituição, cuja dispersão se fundamenta na história. Para entender outra noção: a de modos de subjetivação, é necessário recorrer a uma entrevista denominada “O sujeito e o poder” na qual Foucault afirma:

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos (FOUCAULT In RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 231).

Assim, podemos afirmar que, no bojo das investigações históricas sobre modos de constituição dos sujeitos na história, Foucault vai resgatar dos gregos as práticas de “cuidado de si”, por exemplo, vai percorrer o âmbito da sociedade disciplinar e, posteriormente, levar em consideração a emergência do Estado e suas intervenções biopolíticas sobre a população. Pensar então em modos de subjetivação permite centrar o foco sobre as transformações que levam à compreensão acerca de como sujeitos são constituídos e, ao resgatar a dimensão

histórica dos modos de subjetivação ele recusa a qualquer busca da origem ou universalidade fundante dos indivíduos.

Deste modo, a produção de subjetividades caminha atrelada à circulação de discursos em dada época, no bojo daquilo que pode ser dito em determinado momento. Os discursos são sempre regulados e perpassados pela validação do que é assentado nos domínios do verdadeiro e falso, assim como se percebe n' *A ordem do discurso*, de Foucault (1999), a existência de lugares social, histórico e culturalmente determinados para aqueles que podem ou não enunciar no âmbito de determinadas regras do discurso, permeadas por relações de poder que atravessam os sujeitos no decorrer da história. A regra da exclusão é salientada como vinculada aos regimes de verdade, que variam ao longo da história, e que são dispersos e mutáveis. Desse modo, em cada época são produzidas verdades e, conseqüentemente, ocorre a produção de modos de subjetivação adjacentes (FOUCAULT, 2016).

Vale ressaltar que essas produções discursivas classificadas como verdadeiras (ou falsas) não se baseiam em valores científicos ou verdades propriamente ditas, mas funcionam, a partir de sujeitos, como vontades de verdade. Neste âmbito, a verdade é da ordem da produção, o que ocorre são modos de veridicção, são formas de instituir e (re) produzir a legitimação de algo, assentado historicamente no lugar do verdadeiro. Historicamente, observam-se efeitos de verdade que a sociedade valida como sendo da ordem daquilo que pode ser tomado como verdadeiro, no terreno complexo de acontecimentos, valores, ética, política, que fundamentam esse caráter de legitimação em relação às produções e dispersões discursivas. Cabe, ainda, destacar que alguns regimes de verdade se sobrepõem a outros e pode haver a coexistência de verdades antagônicas, bem como formações discursivas adversas que se traduzem em efeitos de saber e de poder (FOUCAULT, 2010), resultando-se na produção de modos de subjetivação, que também vão sendo alterados com o passar do tempo.

A relação entre saber e poder, nas palavras do estudioso supracitado, está relacionada às práticas cotidianas discursivas, possibilitando afirmar que onde há saber há poder e vice-versa.





Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam (FOUCAULT, 2010, p. 229).

Esses fatores que norteiam o aparato das relações sociais cotidianas provocam efeitos de subjetivação, pela emergência de sujeitos em consonância com o momento histórico dado. Os regimes de verdade, portanto, inscrevem-se a partir de jogos de enunciabilidade, pelas suas condições de possibilidade que os sustentam e resultam em modos de subjetivação equivalentes a essas condições heterogêneas.

Sob a lente das formulações foucaultianas apresentadas, segue a análise do *corpus* selecionado, com o propósito de apontar de que forma essas questões discursivas se fazem presentes no jogo dos enunciados produzidos em determinada época. Nessa direção, percorreremos o caminho enunciativo galgado pela história do presente das enunciações que se contrastam, tendo em vista que se trata do mesmo veículo de comunicação.

115

OS ENUNCIADOS E O DESLOCAMENTO DO SUJEITO NAS CAPAS DA REVISTA VEJA

A junção das capas da revista Veja, objeto deste estudo, não foi realizada por esse próprio veículo, mas por outro, *Folha Impacto*, endereço de onde colhemos o recorte para análise que, adiantamos, teve repercussão expressiva nas redes sociais nos períodos em que as capas foram veiculadas. Nessa direção, para além de enunciados produzidos pela referida revista, esta é alvo do veículo que tece discursos sobre seu descolamento, isto é, como quem deixa de entrar no jogo do sujeito juiz e exterioriza uma postura contrária às suas práticas no exercício de suas funções na transição do cargo de juiz para ministro da justiça. Observemos a figura 1:

Figura 1: Capas da revista *Veja*



116

Fonte: < <https://www.folhaimpacto.com.br/noticia/1604/revista-veja-abandona-moro-e-o-ve-desmoronando> > Acesso em: 05 mai. 2020.

Na primeira capa, que remete ao ano de 2015, momento pós-instauração da Lava-Jato, em que o sujeito Moro inicia o processo de investigação de corruptos de inúmeros segmentos da sociedade, o enunciado ELE SALVOU O ANO traz consigo a ideia de satisfação. Essa alusão ao próprio status do sujeito ao qual se refere, um juiz, sugere uma legitimação em relação ao discurso de justiça, reforçado pelo saber jurídico que condiciona um caráter de ordem social, dadas as condições para seu aparecimento: corrupção, perda de credibilidade política, fragilidade das instituições sociais.

Acerca dos regimes de verdade na ordem do discurso vigente na ocasião pode ser reforçada a questão de que alguns sujeitos podem falar, agir e seus ditos e ações têm repercussão. A imagem do sujeito histórico Sérgio

Moro é atravessada por uma rede de enunciados que remetem a uma positividade de suas ações em torno da Lava-



Jato. Assim, tanto a fotografia, no discurso não verbal quanto o enunciado que está em letras garrafais abaixo dela apontam para o fato de que há uma relação de poder que está associada a um domínio de saber: a figura do juiz, que representa a justiça, está sendo reiterada, positivada, elogiada.

O enunciado “Ele salvou o ano!”, na primeira capa, aponta para um efeito metafórico, em que o termo “salvar” lhe atribui o status de herói, em que o sujeito do qual se refere é colocado ao lado do povo e a quem é atribuída a recuperação de uma ordem social ameaçada. Na dimensão não verbal, a expressão de seriedade do sujeito é estrategicamente disposta de forma a promover um processo de subjetivação que caracteriza o sujeito como líder popular da justiça, portador de um saber-poder que é revelado na própria expressão como tom de formalidade de um campo do saber humano que requer uma postura formal e séria.

Também na primeira capa há uma irrupção de um enunciado que se volta ao passado, “Retrospectiva”, em que o sujeito juiz é colocado em ascensão frente às crises de corrupção que assolam o país. O discurso vinculado ao saber jurídico é elencado como hegemônico, cujas práticas institucionais são colocadas em xeque, sobressaindo o referido sujeito como capaz de interditar a ordem corruptiva e instaurar uma outra já legitimada pela tradição. Não é à toa que atrás da imagem do sujeito há apenas escuridão e tons acinzentados, cuja configuração espacial-imagética de disposição do discurso não verbal reforça o efeito de que a situação de injustiça ficou “para trás” do sujeito cuja fotografia estampa a capa da revista. Pode ser notada, assim, a relação do verbal com o não verbal nos processos de significação e produção de sentidos.

Por outro lado, podemos observar a segunda capa, publicada em 2019, quatro anos depois, sendo que o juiz encontra-se em transição profissional, ano em que deixa o cargo de juiz federal e assume o ministério da justiça, no governo Bolsonaro. Trata-se de um enunciado que contrasta com o primeiro, cujo sujeito é colocado na posição de perda de hegemonia, no lugar de efeito de descredibilidade, tendo em vista os acontecimentos na pasta que demarcam sua postura não condizente com a seriedade elencada, por exemplo, em seu rosto no primeiro enunciado.



Se notarmos o discurso não verbal da segunda capa, por exemplo, não se tem a fotografia do juiz, mas uma estátua que está acima de um enunciado cuja construção se dá a partir da mobilização do nome do juiz: desMOROnando também faz com que a memória social acerca do juiz e sua relação com a justiça seja mobilizada, mas noutra sentido: há um efeito de deslegitimação, de produção de verdade que associam esta relação entre juiz e a justiça como sendo atravessadas por um efeito de falseamento da verdade. Na primeira capa, havíamos notado que a relação entre juiz e justiça faz com que estejam equiparadas. Na segunda, ocorre um deslocamento entre os dois elementos que, ao serem assentados no âmbito de uma proposição verdadeira ou falsa, produzem efeitos de verdade e modos de subjetivação do sujeito em questão.

O enunciado não verbal, com uma estátua e fundo composto de escuridão está em conformidade com a linguagem verbal. A figura remete a uma memória, em que a instauração de estátua de um sujeito aponta para uma conduta heróica, sendo homenageada de forma legítima pelas práticas sociais que lhe respaldam esse ofício. No entanto, o enunciado é disposto de forma tal que essa condição de líder do sujeito juiz vai se esvaindo aos poucos, resultado de uma perda de moral e, conseqüentemente, de popularidade. O fundo escuro realça esse efeito de crise na justiça, norteando essa dimensão de desordem na esfera da justiça brasileira. Cria-se, desse modo, um efeito de decadência de forma referencial direta ao sujeito juiz. O sufixo do termo sugere ainda um caráter de continuidade, tendo em vista que se trata de um período inaugural do referido no cargo que ocupou no ministério da Justiça.

Esse deslocamento que se constrói a partir do ministro é sustentado por condições de possibilidade, sendo relevante observar os acontecimentos à sua volta. A estratégia estrutural dos enunciados, em especial da segunda capa, vai na dimensão histórica dos fatos, que começam a vir à tona a partir de 2019, cujas práticas do sujeito juiz, revelado como corrupto, vai perdendo esse lugar de herói e sendo deslocado para o lugar de vilão.

Ressalta-se que essa visibilidade nacional do juiz se deve ao fato de o mesmo estar vinculado à Lava Jato, tendo condenado o ex-presidente Lula, em 2017, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, justificando a decisão a partir de uma relação do



ex-presidente com um triplex do Guarujá. Esse acontecimento histórico ressurgiu como efeito de memória nesse enunciado que o coloca na condição de líder, mas que posteriormente, a partir de outros acontecimentos, esse mesmo líder emerge, em meio a jogos de enunciabilidade, na condição de corrupto, sendo que esses jogos de verdade ganham o reforço da mídia, considerando também a bipolarização política que assola o país de forma mais nítida a partir de 2015.

Nesse aparato discursivo, a relação de saber e de poder se faz presente no que tange ao que a mídia produz, às transformações de subjetividades que propaga e o que pode ou não de ser dito em cada momento da história. Outrossim, trata-se de um mesmo veículo de comunicação que apresenta um deslocamento quanto a uma formação discursiva sobre a justiça brasileira. Nessa dimensão, ressalta-se que a *Veja* comumente foi apontada como tendo um posicionamento político-partidário filiado aos interesses da direita, fato exemplificado, inclusive, pela capa de 2015, por causa da defesa de um juiz que condena um ex-presidente de esquerda, e, também, pelo histórico de discursos contrários à esquerda que produziu no decorrer da história brasileira.

No contexto desses enunciados que apontam para uma mudança de inscrição quanto à formação discursiva desse veículo de comunicação, vale considerar também as posições da revista que se inscreve na história. Trata-se de um acontecimento resultante do encontro entre uma memória (da revista de direita, do sujeito juiz tido como herói) com a atualidade. O referido veículo, ao produzir um enunciado contrário ao anterior e que representa uma posição de discordância do sujeito juiz se coloca diante da sociedade como portadora de boa conduta e que não condiz com corrupção. Neste jogo de poder - e de verdadeiro e falso - regimes de verdade são apontados e buscam persuadir o leitor a acreditar na credibilidade da revista, mesmo em relação ao lugar social construído historicamente.

Para além desses lugares construídos do juiz e a posição da revista *Veja*, outra instância merece ser analisada, sendo o discurso do *Folha Impacto*, por realizar a junção discursiva da contradição da *Veja* e construir esse deslocamento de forma mais nítida pela comparação enunciativa pode ser mencionado que



também houve um deslocamento. O efeito de persuasão é mobilizado, então, a partir da comparação entre duas capas que busca evidenciar um efeito de contradição constitutivo de outro veículo de comunicação. Acompanhada da Figura 1, em análise, esse veículo traz uma reportagem apontando essa reviravolta da revista em relação ao juiz. A manchete emite o seguinte enunciado: “Revista Veja abandona Moro e o vê ‘desmoronando””. Esse enunciado sugere um retorno à história da revista como ocupante de um lugar de construção desse caráter heróico do juiz, sintetizando a reportagem cujo discurso revela uma inversão de lugares de herói e bandido: Lula versus Sérgio Moro. “Abandonar”, então, cria um efeito de deslocamento, de não adesão a uma formação discursiva não apenas jurídica, mas também política, como quem assume outra posição, no caso, de esquerda.

O discurso da reportagem aponta para uma revelação de ilegalidade cometida pelo juiz em relação à condenação do ex-presidente petista, não como construção desse veículo, mas como fato que produz efeito de verdade até mesmo sobre a *Veja*. Nesse contexto, esta revista lança sua capa de 2019 de forma a provocar esse deslocamento do sujeito juiz, colocando não apenas sua posição em xeque, mas todo um saber jurídico cuja verdade legitimada é questionada. Também há um movimento de questionamento em relação ao gesto de veiculação de outra mídia, que põe em xeque as bases de sustentação da coerência da *Veja*, onde se produz um sentido de desconfiança e deslegitimação da revista a qual se refere.

Dessa forma, o enunciado e o arquivo podem ser assinalados como elementos que ilustram transformações enunciativas acerca de modos de subjetivação de um sujeito, cujas condições de possibilidade motivam esse caráter dizível dos dois discursos. Esse jogo de verdades, que apela para a ruptura de uma ordem e início de uma (des) ordem no campo jurídico, condiciona seus efeitos, a partir do que pode ou não ser dito nesses dois momentos históricos. O acontecimento não se faz presente nos enunciados em si, pelas estratégias enunciativas, mas pelos fatos históricos a sua volta que possibilitam que estes emergam num campo de enunciabilidade específico. É importante mencionar que a apresentação das duas capas de efeitos distintos veiculados pela mesma revista reflete em modos de questionamento sobre a coerência da



verdade enunciada (selecionada a partir de um aglomerado de coisas ditas e outras recalçadas). Ao mesmo tempo em que se torna passível de problematização a *Folha Impacto* também se filia a uma rede de discursos que a inserem no jogo do verdadeiro e do falso, empreendendo sobre si gestos de objetivação e modos de veridicção sobre aquilo que mobiliza. Ao mesmo tempo em que promove um efeito de descredibilidade sobre outra revista ocorre uma credibilização de quem enuncia sobre o desvelamento da coerência do outro. Como quando Pedro fala de Paulo sabemos mais de Pedro que de Paulo, segundo o jargão psicanalítico, ao operar a descredibilização do outro, opera-se sobre si, um efeito de credibilização. Então, vale assinalar que, a partir da própria disposição de capas noutra revista, também ocorre a inserção em jogos de verdade e zonas de veridicção, situados no âmbito de relações de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

121

O presente estudo teve por objetivo refletir sobre dois enunciados produzidos pela revista *Veja* sobre o juiz Sérgio Moro, que é deslocado de herói a vilão, através da articulação entre o verbal e o não verbal num jogo de enunciabilidade que sofre transformações no decorrer da história. Neste contexto, acionamos o suporte teórico-metodológico de base foucaultiana como formulação-chave nesse processo que possibilita um mergulho no recorte de acordo com as condições de possibilidade de sua emergência.

Conclui-se, então, que os discursos materializados nos enunciados, embora produzidos e propagados pelo mesmo veículo de informação, se contrastam. Observa-se que o sujeito é alvo de um deslocamento não apenas profissional (de juiz federal a ministro da Justiça), mas sua reputação é colocada em xeque como efeito dos acontecimentos no cenário político brasileiro. A posição de liderança que conquista pelas investigações e condenações na Lava Jato é legitimada em 2015 e desconstruída em 2019 pelo processo de queda, pois não condiz com sua inscrição em regimes de verdade almejados, em que a maioria dos líderes políticos e grande parte da sociedade passam a não aderirem seus posicionamentos, percebidas como vaidade e satisfação própria.



Nesse movimento analítico que aponta para a materialidade histórica, o acontecimento discursivo promove efeitos de memória social em relação a momentos jurídicos e políticos brasileiros. Assim, os enunciados supracitados criam um efeito de deslocamento em relação ao sujeito juiz Sérgio Moro no âmbito de duas datas apresentadas, através de uma revista que, em duas capas, se inscreve em regimes de verdade, por uma desconstrução de subjetividades anteriores desse sujeito vinculado ao saber jurídico. Assim, esses enunciados, cada qual vinculado ao seu momento histórico, são construídos e produzem efeitos de verdade, no contexto de suas condições de possibilidade ativando, também, memórias sociais sobre o sujeito sobre o qual se referem.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. Memória e Produção discursiva de sentido. In: _____ et al. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999, p. 11-21.
- COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 19. ed. Trad. E. M. J. Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FOUCAULT, M. Poder e Saber. In: MOTTA, M. B. (org.). *Michel Foucault: Estratégia, Poder-Saber*. (Ditos & escritos IV). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 222-305.
- FOUCAULT, M. Sobre a arqueologia das ciências. “Resposta ao círculo de epistemologia”. In: FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. (Col. Ditos e escritos II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 82- 118.
- FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)*. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, Pedro (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 19-34.



subversões de identidades. *REVISTA X*, v. 14, p. 240-255, 2019.

Recebido em 29 de março de 2021.

Aprovado em 19 de setembro de 2021.

THE STATEMENT IN THE CONSTRUCTION OF A DISPLACEMENT OF THE SUBJECT: AN ARCHEGENEALOGICAL ANALYSIS OF TWO COVERS OF VEJA MAGAZINE ABOUT JUDGE SÉRGIO MORO

Abstract: The present paper seeks to reflect on the statements that came into circulation from two covers of *Veja* magazine about Judge Sergio Moro - one of which dates from 2015 and the other from 2019 - marked by contradictory constructions by this same communication vehicle. For this, we support ourselves in the theoretical-methodological support linked to foucaultian discourse analysis, in view of the concepts of utterance, games of truth, subject and associated field. It is worth mentioning that there are modes of subjectivation associated with a domain around a professional instance in which the subject is a judge, in the first cover analyzed and, in the second, minister of justice. Between practices and representations, the verbal and imagery languages point to the judge subject who, in this case, was in a place of (production of) truth, when placed in check, whose metaphorical symbol of a crumbling statue ends up displacing this effect of truth (from hero to villain), through the establishment of a game from two distinct historical moments in which the subject is inscribed.

Keywords: Statement. Subject. Truth games. *Veja* Magazine.

ⁱ Importante mencionar que, em Foucault, não há busca da origem (*arké*, em grego) porque os começos, para ele, são relativos e, sendo assim, são instaurados e deslocados através de transformações na história. Mesmo que o termo arqueologia possa fazer alusão a outra disciplina que busca “escavar” o que a arqueologia foucaultiana propõe não são as relações secretas, ocultas, mas as que estão na superfície dos discursos, quando o visível se torna invisível não por estar escondido, mas por estar muito na superfície das coisas. Efetuam-se, assim, gestos de desnaturalização sobre um continente de coisas ditas e produzidas no interior de determinada época.